

Campus Nilópolis

Programa de Pós-graduação
Lato Sensu

Talita Regina Joaquim
Magarão

Produção do Curta-
metragem
Documental Raízes
do Pé

TALITA REGINA JOAQUIM MAGARÃO

PRODUÇÃO DO CURTA-METRAGEM DOCUMENTAL RAÍZES DO PÉ

Memorial descritivo apresentado ao Instituto Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para conclusão do curso de pós-graduação Lato sensu em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Nilópolis
2021

CIP - Catalogação na Publicação

M189p Magarão, Talita Regina Joaquim
Produção do curta-metragem documental Raízes do Pé / Talita
Regina Joaquim Magarão - Nilópolis, 2021.
66 f. 30 cm.

Orientação: Alexandre de Oliveira Pimentel .
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização),
Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação,
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de
Janeiro, Campus Nilópolis, 2021.

1. Documentário. 2. Cultura popular. 3. Maracatu de baque
virado. 4. Subúrbio carioca. 5. Memória. I. Pimentel , Alexandre de
Oliveira , **orient.** II. Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Rio de Janeiro. III. Título

Elaborado pelo Módulo Ficha Catalográfica do Sistema Intranet do
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro
- Campus Volta Redonda e Modificado pelo Campus Nilópolis/LAC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecária: Heloisa S. Lima CRB-7/6089

TALITA REGINA JOAQUIM MAGARÃO

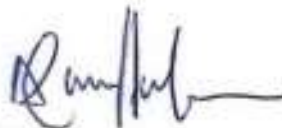
MEMORIAL DESCRITIVO

PRODUÇÃO DO CURTA-METRAGEM DOCUMENTAL “RAÍZES DO PÉ”

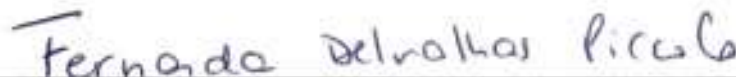
Memorial descritivo apresentado ao Instituto Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Aprovado em 13/12/2021.

Banca Examinadora



Prof. Ms. Alexandre de Oliveira Pimentel - (Orientador)
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)



Prof. Dra. Fernanda Delvalhas Piccolo (Membro Interno)
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)



Prof. Dr. Tiago José Lemos Monteiro (Membro Interno)
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

Dedico este trabalho a todos os movimentos de cultura popular, em especial, aos Mestres da cultura popular brasileira. E a todas e todos que sentem o tambor com o coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos Orixás, todo plano espiritual e meu Babalorixá, por tudo.

A minha mãe e ao meu pai, o gosto pela festa, pela alegria e pelo subúrbio.

Agradeço aos meus amigos Flávio Santos e Virgílio dos Santos, pelos ensinamentos e toda soma, do Pé à iniciativa de realização deste produto.

Agradeço imensamente ao meu amigo Leo Diniz, sem seu olhar, sua parceria, dedicação, confiança e edição, esse produto não seria possível. Que o universo do audiovisual conheça seu trabalho.

Agradeço ao meu companheiro de caminhada, Felipe Gomes, por me incentivar a ver a vida com beleza e leveza.

A todas e todos que deram seus depoimentos, obrigada por me confiarem o acesso às suas narrativas e memórias.

A todas e todos que chegaram junto nos dois dias de gravação e ao apoio especial dos integrantes do Maracatumba no segundo dia de gravação.

À Fernanda Delvalhas Piccolo e Tiago Monteiro, por comporem a banca de avaliação, pelas palavras de incentivo na qualificação e ensinamentos durante as aulas do LACE. Fernanda, agradeço por toda atenção, pelas dúvidas sanadas e pelas mensagens de que daria certo, cá estamos.

Ao Alexandre Pimentel, meu orientador, por aceitar e enxergar a potência desse projeto.

À todas as minhas amigas do LACE e as da vida, por todas as trocas e incentivos.

As batuqueiras e batuqueiros, cujo tambor desenha o sentido de parte da vida, isso é inspiração para todos os dias.

Fiquem com meu agradecimento mais sincero.

“Fosse ou não à escola, eu sempre estudava.” RZA

RESUMO

Este Memorial Descritivo apresenta detalhadamente os processos de concepção, gravação e finalização do curta-metragem documental *Raízes do Pé*. O filme busca registrar memórias de alguns ex-integrantes do grupo cultural Pé da Amendoeira. O extinto grupo dedicava-se ao estudo da expressão cultural do Maracatu, em sua variante Baque Virado. Sua fundação foi em 2007 na zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, no bairro denominado Marechal Hermes. A partir das narrativas de integrantes, o produto procura entender o impacto que o movimento gerou na vida dos participantes e propõe uma investigação acerca dessa ação cultural e seus multiplicadores. Além disso, reflete sobre o cinema documentário, a cultura popular e o maracatu de baque virado, abordando o subúrbio e sua produção cultural, não somente em sua dimensão periférica, mas também como centralidade em determinados territórios. São descritas a metodologia e as etapas de produção do produto, assim como conceitos de autores que debatem o campo do cinema documentário, das culturas populares e do subúrbio carioca, levantando pontos importantes acerca do fazer artístico em espaços públicos na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Cinema. Documentário. Maracatu de baque virado. Cultura popular. Subúrbio carioca. Território. Memória.

ABSTRACT

This Memorial presents the conception, recording and post-production of the documentary film *Raízes do Pé*. The film seeks to capture the memories of former members of the cultural group Pé da Amendoeira, a dance group of Maracatu de Baque Virado, a typical cultural expression of Brazil. Maracatu entails a specific dance form as well as the musical production of its characteristic rhythm. The group was founded in 2007 in Marechal Hermes, a peripheral neighborhood of the city of Rio de Janeiro. Based on the participant narratives, the project seeks to understand the impact generated by that cultural movement on the lives of the people who were involved in it. The present memorial reflects on the cultural production in the suburbs of Rio de Janeiro, not only in its peripheral dimension, but also in the centrality they occupy in these territories. The concept of territory being central in the discussion of art production, popular culture in peripheral areas. Also, the Memorial and the documentary intend to bring some reflections on the discussion about documentary film, its concepts and cultural production in the suburbs.

Key words: Cinema. Documentary. Brazilian Culture. Brazilian Dance. Maracatu. Rio de Janeiro. Suburb. Territory. Memory.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO DO MEMORIAL E DO PRODUTO.....	11
1.1 APRESENTAÇÃO	11
1.2 TÍTULO	12
1.3 ÁREA CULTURAL	12
1.4 SEGMENTO	12
1.5 PRODUTO	13
1.6 PÚBLICO-ALVO	13
2. ESPECIFICAÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO.....	13
3. SINOPSE	13
4. FICHA TÉCNICA	13
5. OBJETIVOS	15
5.1 OBJETIVO GERAL	15
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
6. JUSTIFICATIVA	16
7. ACESSIBILIDADE CULTURAL.....	18
8. DEMOCRATIZAÇÃO DE ACESSO.....	18
9. REVISÃO TEÓRICA DA CONCEPÇÃO DO PRODUTO	19
10. CONCEPÇÃO METODOLÓGICA DO PRODUTO	23
11. LEGISLAÇÃO.....	25
11.1 DIREITO DE IMAGEM E VOZ	25
11.2 DIREITO AUTORAL	25
11.3 CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA	25
12. ETAPAS DE PRODUÇÃO	26
12.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	26
12.2 PRODUÇÃO	27
12.3 ELABORAÇÃO DO ROTEIRO.....	31
12.4 PÓS-PRODUÇÃO.....	36
12.5 DISTRIBUIÇÃO.....	37
13. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO	37
14. PLANO DE COMUNICAÇÃO	38
15. MATERIAIS UTILIZADOS	40
15.1 CÂMERAS.....	40
15.2 EQUIPAMENTOS DE SOM	42
15.3 SOFTWARE DE EDIÇÃO	42
16. ORÇAMENTO.....	43

17. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
ANEXOS.....	49

1. Apresentação do Memorial e do Produto

1.1 Apresentação

O produto consiste em uma obra audiovisual da categoria curta-metragem documentário denominado *Raízes do Pé*, sobre as memórias dos indivíduos que fizeram parte do grupo Pé da Amendoeira, Fundado em 2007. O grupo surge a partir das oficinas de dança e de toque do maracatu de baque virado¹ oferecidas na Associação de Moradores do bairro de Marechal Hermes, mais precisamente na Rua Acapu, que reuniu crianças e jovens de diversas partes da cidade.

O bairro de Marechal Hermes, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, apesar de sua rica história e de possuir, diferente de muitos bairros periféricos, um equipamento cultural públicos, não possui um cenário cultural efervescente. Suas ruas são conhecidas pelos monumentos arquitetônicos (grandes escolas, hospital, maternidade, teatro etc.) e por sua oferta de barracas de comida - como a famosa Batata de Marechal² - mas pouco por sua produção cultural e artística.

Marechal Hermes foi, segundo o pesquisador Robson Letiere em seu livro sobre os bairros cariocas³, o primeiro bairro no Brasil implantado como uma vila proletária e planejado para ser estritamente residencial, com direito à infraestrutura de serviços públicos. Com moradias simples, erguidas pelo operariado, a área ficou conhecida como Portugal Pequeno devido à predominância de portugueses. No

¹ Segundo Guillen, até a década de 1940 encontramos notícias de um único tipo de maracatu, hoje denominado de nação ou baque virado, descrito por Pereira da Costa no início do século XX. Este maracatu é constituído de uma corte real da qual fazem parte rei, rainha, príncipes e princesas, além de damas da corte, embaixadores etc. (...). Este cortejo é acompanhado por um conjunto musical constituído de instrumentos de percussão, e que é denominado de batuque. Fazem parte desse conjunto as alfayas, caixas de guerra e tarol, gonguê e mineiro (GUILLEN; LIMA, 2006, p.187).

² Um projeto de Lei na Câmara Municipal do Rio de Janeiro pleiteia o status de patrimônio cultural imaterial a batata frita de Marechal Hermes:

A batata frita de Marechal Hermes, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro ao lado da Estação da Supervia em Marechal Hermes, é hoje a sensação de toda população do Rio de Janeiro e já faz parte da cultura do subúrbio. Aos poucos, este delicioso petisco tem chegado ao conhecimento dos demais cariocas, que já degustam enlouquecidamente essa maravilha. (Projeto de Lei nº 1126/2018)

³ LETIERE, Robson. RIO BAIRROS: Uma breve história dos bairros cariocas - de A a Z. Rio de Janeiro: [s.n.], 2015.

bairro está localizado o hospital estadual Carlos Chagas, construído em 1934, um dos mais antigos da cidade, além do teatro Armando Gonzaga, projeto do arquiteto Afonso Eduardo Reidy, com auditório para 300 pessoas.

As oficinas iniciadas em 2007 não só mobilizaram as crianças e jovens que delas faziam parte como todo o bairro. O grupo, ao utilizar-se do centro comunitário e, também, de espaços públicos nos fins de semana, tornou-se uma referência cultural na localidade. A realização do maracatu de baque virado na praça local, sob as folhas das amendoeiras, resgatou uma prática histórica do bairro. O Pé de Amendoeira gerou frutos importantes tanto para os seus participantes - as batuqueiras e batuqueiros - como para a localidade, consolidando-se como uma manifestação cultural do bairro de Marechal Hermes.

As primeiras ideias deste produto começaram a surgir com a proximidade dos 10 anos de existência do movimento, no ano de 2017.

Não tínhamos muito, mas contávamos com “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, como eternizou Glauber Rocha, cineasta baiano, um dos idealizadores do Cinema Novo. Assim, em 2016 deu-se o primeiro encontro, mais precisamente no dia 18/06/2016 no qual ocorreu a primeira gravação. E, em 2018, a segunda gravação, no dia 16/09/2018.

O produto, o curta-metragem documental *Raízes do Pé*, é uma obra audiovisual da categoria documentário, com 15 minutos de duração e apresenta através das memórias e narrativas de ex-integrantes contando sobre o como foi a trajetória desse grupo de maracatu nascido em Marechal Hermes em 2007. O roteiro, porém, ultrapassa a história do grupo Pé da Amendoeira, revelando a rica experiência dos sujeitos envolvidos, buscando compreender como iniciativas culturais podem transformar pessoas e territórios.

1.2 Título

Raízes do Pé

1.3 Área Cultural

Audiovisual

1.4 Segmento

Documentário

1.5 Produto

Filme curta-metragem documental

1.6 Público-alvo

Classificação livre para todos os públicos.

O filme busca atrair jovens e adultos interessados em maracatu, que toquem e/ou gostem da manifestação, brincantes, estudantes, professores, pesquisadores e pessoas interessadas em documentários de cunho etnográfico em geral. O Rio de Janeiro conta com a presença de diversos grupos de maracatu, de blocos a grupos de pesquisa, que podem ter interesse pelo produto.

2. Especificação técnica do produto

Título: Raízes do Pé

Duração: 15 minutos

Colorido

Gênero: Documentário

Classificação indicativa: Livre

3. Sinopse

Raízes do Pé traz à tona memórias de batuqueiras e batuqueiros que integraram o grupo Pé da Amendoeira, extinto grupo de maracatu, fundado em 2007, no bairro Marechal Hermes, na cidade do Rio de Janeiro. O curta-metragem mostra, através dos relatos de antigos integrantes, como um movimento cultural pode gerar frutos e influenciar a vida de inúmeras pessoas.

4. Ficha Técnica

Direção e roteiro

Talita Magar

Idealização

Flávio Santos, Talita Magar e Virgílio dos Santos

Produção das filmagens

Flávio Santos, Talita Magar e Virgílio dos Santos

Direção de fotografia

Leo Diniz e Talita Magar

Edição e finalização

Leo Diniz

Pesquisa

Talita Magar

Cinegrafistas:

Vitória e Marcelo (1º dia)

Leo Diniz (2º dia)

Equipamento

Daniel Lobo

Design Gráfico

Ian Marlon

Imagens de arquivo

Flávio Santos

Entrevistados

Alexandre Nicomedes, André Luiz Rodrigues, Beto Ferreira, Braulio Coelho, Breno Coelho, Edmilson Mahin, Flávio Santos, Gabriela Mello, Igor Santos, Juliana Borges, Leo Gonzaga, Lissandro, Michele Silva, Paula Maciel, Talita Magar e Virgílio dos Santos.

Músicas

“Nunca vou esquecer” (Loa de Lissandro), “No horizonte eu vi” (Loa Nação Porto Rico), “Cheguei meu povo” (Loa Maracatu Estrela Brilhante do Recife), “Evolução” (Evolução Nação Porto Rico)

Vozes/ Coro

Batuqueiras e batuqueiros

Duração

15 minutos

Ano

2021

País

Brasil

5. Objetivos**5.1 Objetivo geral**

Produzir o curta-documentário *Raízes do Pé*, sobre a memória dos ex-integrantes do grupo Pé da Amendoeira.

5.2 Objetivos específicos

- Registrar a existência do movimento de maracatu de baque virado no bairro de Marechal Hermes, ampliando a visibilidade de produtos como esse;
- Colaborar para a inserção da produção cultural no subúrbio no campo acadêmico;
- Incentivar o surgimento de novas iniciativas culturais e a ocupação de espaços públicos;

- Gerar visibilidade para os grupos de maracatu e cultura popular cariocas;
- Exercer meu papel de produtora cultural voltando meu olhar para o território no qual cresci.

6. Justificativa

A relevância desse curta-documentário está em mostrar a importância das manifestações culturais, seu papel social e transformador dentro de determinados territórios. O documentário *Raízes do Pé* mobiliza a necessária discussão da dinâmica dos distanciamentos culturais na cidade, como, por exemplo, na distribuição de equipamentos e políticas culturais nas regiões fora do eixo Centro-Zona Sul. Toda essa discussão é atravessada pela ótica de produtora cultural, profissão que exerço.

A necessidade da política em se utilizar dos corpos é um fundamento das discussões filosóficas, como nos lembra Safatle.

Não há política sem corpo, dizem, cada um à sua maneira, Rousseau, Hobbes, Spinoza [...] A instauração política aparece assim como a constituição de um corpo dotado de unidade, de vontade consciente, de eu comum. (SAFATLE, 2015, p.19)

Esse corpo político é o mesmo que performa as práticas culturais. Assim, incentivar os fazeres e manifestações culturais é um ato político. Políticas públicas para a cultura eficazes são capazes de realizar a manutenção desses fazeres, em conjunto com as outras necessidades humanas, pois, estimular o fazer cultural é contribuir também com as realidades das quais fazem parte os indivíduos.

Um grupo de jovens performando nas ruas de Marechal Hermes o maracatu de baque virado - uma manifestação pernambucana, com costumes e maneiras de fazer tipicamente nordestinos - foi uma importante forma desses indivíduos contribuírem para os trânsitos e as trocas existentes entre as manifestações culturais brasileiras. Uma possibilidade de interpretar essa manifestação e propagá-la, mesmo distante de seus pretensos locais de origem. Assim, tornando-se co-criadores conforme discute Dias:

O mundo são nossas interpretações. As diferentes óticas a partir das quais nossos valores são criados são essenciais à vida. É falta de modéstia decretar que só são válidas as perspectivas tomadas de um único ângulo. A interpretação que nega a existência acredita poder dizer a verdade do mundo. Interpretar o mundo não é conhecê-lo, mas criá-lo. É criando o

nosso mundo, que nos tornamos co-criadores criadores do mundo, porque sem nós, sem nossa interpretação, esse mundo que é nosso não poderia existir. (DIAS, 2012, p. 13)

Investigar e registrar o maracatu de baque virado em bairro suburbano da cidade do Rio de Janeiro é, além de expor e eternizar essas memórias, a chance de instigar outras que ainda estão por vir. A disponibilização desse registro em uma plataforma de compartilhamento de vídeos leva o documentário a diversos tipos de público, diverso do originário – o acadêmico. Segundo José Jorge de Carvalho (1992), é preciso conhecer exatamente o lugar econômico ocupado por cada um dos diversos estilos de expressão cultural (erudita, popular, comercial, tradicional ou folclórica) e avaliar o discurso de igualdade e cidadania para todos.

Acessar as memórias de narrativas dos sujeitos envolvidos, para posteriormente, montar a obra, foi o recurso que utilizei para diminuir as distâncias entre esse saber que é popular e prioritariamente, oral, e um saber que é acadêmico e enquadrado, podendo impactar na construção de novas narrativas e novas formas de identificar os saberes.

A atividade e ocupação artística foi o que forjou, em certa medida, a união desse grupo de jovens. A escassez de investimentos e de equipamentos culturais na localidade, embora seja um fator limitante de possibilidades de vivência cultural, não deve impedir ou desvalorizar o fazer artístico e todas as potencialidades dos agentes culturais de territórios periféricos. Reconhecer esses movimentos e a rua como potência é um caminho para a valorização da arte e da cultura em diferentes esferas.

A rua tem alma! [...] A rua é o aplauso [...] dos miseráveis da arte. [...] Bate [...] palmas aos saltimbancos que, sem voz, rouquejam com fome para alegrá-la e para comer. A rua é generosa. [...] A rua faz as celebridades e as revoltas [...]. Qual de vós já passou a noite em claro ouvindo o segredo de cada rua? Qual de vós já sentiu o mistério, o sono, o vício, as ideias de cada bairro? (JOÃO DO RIO, 2008, p. 14-16 apud FERNANDES; HERSCHMANN, 2014, p. 11).

A produção do curta-documental mostra a necessidade do registro e da preservação da memória do maracatu que existiu em Marechal Hermes, entendendo que ele não foi um caso isolado. Com o passar dos anos, foram surgindo outros grupos de maracatu no contexto urbano e outras manifestações da cultura popular,

especialmente tendo como matrizes as regiões Norte e Nordeste - como por exemplo, o Maracatumba⁴.

Ressalto a importância desse trabalho por ser uma das primeiras pesquisas sobre o maracatu de Marechal Hermes. Esse memorial e a produção do documentário demonstram a importância desse campo e apontam para a continuidade dessa pesquisa. Além disso, acredito que essa pesquisa trouxe imensa contribuição tanto para minha formação profissional como acadêmica.

7. Acessibilidade Cultural

O consumo de cultura e seus produtos é uma parte importante dentro da pauta da acessibilidade porque contribuem com o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos, além de proporcionar novos conhecimentos e bem-estar. A cada dia, mais iniciativas importantes têm surgido a partir desse tema, estimulando a responsabilidade coletiva e o direito ao bem-estar social. Será incluído o serviço de legendagem para uma segunda versão do filme, que consiste em legendar, ou seja, inserir textos que acompanham as cenas, conferindo-lhe significado/esclarecimento, sendo colocados em sobreposição e na parte inferior. Essa ação será implementada como ferramenta para maior acessibilidade de pessoas com deficiência auditiva (branda, moderada ou total) usuárias da língua portuguesa.

8. Democratização de acesso

Segundo o Artigo 215 da Constituição Federal de 1988, o Estado deverá garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. Portanto, é dever de todo cidadão, pensar em suas produções sob a ótica da democratização.

O curta-documental *Raízes do Pé* foi lançado na Biblioteca Parque Estadual. Essa biblioteca gerida pela Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do

⁴ O Maracatumba é um grupo de maracatu nascido no Bairro de Fátima, região central do Rio de Janeiro que tinha componentes oriundos do subúrbio. Posteriormente, teve suas atividades deslocadas para os bairros do Engenho de Dentro/Méier, localizado na zona Norte.

Rio de Janeiro inclui em sua programação produções culturais de artistas independentes. Com isso, artistas podem difundir suas obras, democratizando-as.

Além disso, após sua estreia, o curta foi carregado na plataforma YouTube, no canal *Talitei*⁵, para acesso gratuito e amplo da população. Futuramente também será disponibilizado para professores, em especial os das escolas públicas, para exibição em atividades no ambiente escolar, exibições em espaços culturais, pontos de cultura e afins. Isso permitirá e incentivará a democratização do acesso, a distribuição e popularização desse produto cultural.

9. Revisão teórica da concepção do produto

Este memorial descritivo tem quatro eixos principais de análise: um primeiro, acerca do maracatu de baque virado no contexto das culturas populares na contemporaneidade; um segundo acerca do subúrbio carioca; um terceiro acerca da obra audiovisual, do cinema documentário e das possibilidades de criação a partir dessa linguagem; e o quarto acerca da memória, que passa pela minha opção de criar uma obra audiovisual a partir da memória de outros sujeitos.

Apesar do samba estar muito presente na minha vida, foi através do maracatu de baque virado que iniciei minha trajetória efetivamente na cultura. Ali, além de aprender a tocar instrumentos, fiz redes e amizades. Também, comecei a entender que o maracatu não era um movimento isolado, mas estava inserido em um complexo universo: o da cultura popular.

Existem dois tipos de maracatu: o de baque virado, ou nação, e o de baque solto, ou rural. O tipo presente no território da pesquisa, o bairro de Marechal Hermes, é o maracatu de baque virado. Essa manifestação artística da cultura popular afro-brasileira, com música, dança e religiosidade, tem seus primeiros registros entre os séculos XVII e XVIII, período da diáspora negra para o Brasil, como descreveu a pesquisadora Isabel Cristina Martins Guillen:

(...) maracatu de baque virado, é uma manifestação artística da cultura popular e carnavalesca da Região Metropolitana do Recife em que um cortejo real desfila pelas ruas, acompanhado de um conjunto musical percussivo. Composto majoritariamente por negros e negras, os maracatus-nação podem ser remontados às antigas coroações de reis e rainhas congo

⁵ O canal *Talitei* é o canal pessoal da autora com suas produções audiovisuais.

um cortejo real desfila pelas ruas, acompanhado de um conjunto musical percussivo. (GUILLEN, INRC do Maracatu Nação, 2013, p. 9)⁶

O maracatu gera relações muito profundas em seus locais de origem. Os grupos têm uma ligação muito forte com a religiosidade e, conseqüentemente, com a tradicionalidade e com o fundamento, no sentido de serem manifestações afro-brasileiras que reverberam africanidades, mas também dos trânsitos que existem a partir do momento em que pessoas de fora desse contexto, começam a ter acesso à essas manifestações.

Com o passar dos anos e em função dos trânsitos permitidos pelos fluxos migratórios internos no país, houve uma crescente disseminação da manifestação para outros estados e municípios. O Rio de Janeiro, há um pouco mais de 20 anos, recebeu o seu primeiro grupo de maracatu, conforme visto no artigo de Larissa Lima de Souza:

O Rio Maracatu é um dos diversos grupos percussivos de maracatu surgidos no impulso da “cena pernambucana” Brasil afora. Fundado por músicos cariocas e pernambucanos, em 1997, na cidade do Rio de Janeiro. Atualmente, tal grupo não é o único a pesquisar e (re)inventar o maracatu de baque virado em terras cariocas. Entretanto, sua importância para a expansão do maracatu é incontestável pelo fato de ser o mais antigo grupo percussivo no Rio de Janeiro, originando todos os demais que surgiram na cidade (Bloco Maracutaia, Bloco Tambores de Olokun, entre outros), assim como de ter sido o primeiro a praticar o maracatu de baque virado na Região Sudeste do Brasil. Os grupos percussivos de baque virado se diferenciam das nações de maracatu principalmente pela questão religiosa, intrínseca ao maracatu-nação, mas ausente nos grupos percussivos enquanto coletividade. (SOUZA, 2015, p.4)

O maracatu na contemporaneidade é um tema complexo, como afirma José Jorge de Carvalho. Segundo este autor a “cultura é reinterpretada no meio metropolitano” pois as manifestações são levadas “por grupos que são agora urbanóides” (CARVALHO, 1992. p. 6). E é justamente nessa fricção entre a tradicionalidade e reinvenção que nascem produtos como o *Raízes do Pé*. O documentário, ao reconhecer a complexidade e as contradições existentes na manifestação cultural de Marechal Hermes, registra através das memórias dos sujeitos envolvidos, os fluxos e trânsitos criados.

Um maracatu realizado por jovens suburbanos no bairro de Marechal Hermes remete a algumas características semelhantes as das nações tradicionais, que

⁶ O Dossiê do Maracatu Nação teve por objetivo fornecer subsídios e fundamentar o reconhecimento do maracatu de baque virado como patrimônio cultural imaterial do Brasil. A inscrição do Maracatu Nação no Livro de Registro das Formas de Expressão, pelo Iphan, deu-se em dezembro de 2014.

existem nas áreas mais periféricas. Por isso, além de compreender o trânsito do maracatu, manifestação pernambucana relida em outro Estado, é importante saber a partir de qual lugar está acontecendo essa releitura. Como definiu Nelson da Nóbrega Fernandes, o conceito carioca de subúrbio:

Como já foi dito, (...) deve-se a Soares a observação da existência de um significado particular da palavra subúrbio no vocabulário correntemente empregado no Rio de Janeiro (...) O sentido essencial, original e geral da categoria subúrbio reside no fato de representar um espaço geográfico situado à margem, nas bordas, na periferia, localizado extramuros da cidade. Um espaço produzido junto à cidade e tão antigo quanto ela, mas que, por sua localização geográfica, tipo e forma de uso, não se confunde nem com a paisagem nem com o espaço considerado urbano. Outra característica presente na categoria subúrbio é ser um espaço subordinado à cidade, em termos jurídicos, políticos, econômicos e culturais, embora isto nem sempre possa ser traduzido por desprestígio social... (FERNANDES, 2011, p.34)

Entendemos como extremamente pertinente a reflexão sobre a relevância dos grupos de cultura popular fora do eixo Centro - Zona Sul, abordando o subúrbio e sua produção cultural, não somente em sua dimensão periférica, mas também como centralidade em determinados territórios. É fundamental pensar na importância das atividades culturais do subúrbio, sem esquecer de analisar como o Estado e o Município elaboram e implementam as suas políticas culturais, que estão sendo cada vez mais pensadas para não privilegiar apenas bairros mais próximos às zonas centrais.

Alexandre Barbalho descreve políticas culturais como sendo um conjunto de políticas públicas propostas e implementadas por um governo - o Estado dando à cultura um tratamento político. Já a política de cultura seria definida como as disputas simbólicas em torno do ambiente cultural, seja na produção ou consumo dos bens culturais, das práticas e dos significados simbólicos, como descreve no trecho abaixo:

Para mim, política cultural significa atuar na criação, circulação e fruição de bens simbólicos. Esta atuação implica reconhecer que esse sistema processual, que é a cultura, se organiza como um campo, o campo cultural, que possui valores, capital e poder específicos. (BARBALHO, 2008, p. 124)

Já para Canclini as políticas culturais são compreendidas como:

um conjunto de intervenções realizadas pelo Estado, instituições civis e grupos comunitários organizados a fim de orientar o desenvolvimento simbólico, satisfazer as necessidades culturais da população e obter consenso para um tipo de ordem ou de transformação social. (CANCLINI 2001: 65 apud FERNANDES; FÉLIX, p. 1)

Neste sentido, quando um grupo de jovens começa a fazer atividades culturais que até então não existiam em seu bairro, eles estão criando bens simbólicos e educando a eles mesmos, como ressaltou Rosa Maria Dias:

A vida é um conjunto de experimentações que o ser humano vivência. Por essência, ela é criação generosa de formas; é artista e, como acontece em toda atividade artística, não visa a nada fora de sua própria atividade. Tal como o pintor que pinta por pintar e o músico que toca por tocar, a vida vive por viver. É preciso viver de tal modo que viver não tenha nenhum sentido — e é justamente isso que dá sentido à vida. (DIAS, 2012, p. 11)

E para unir os conceitos existentes ao subúrbio carioca, o produto utiliza o cinema documentário como ferramenta, que tem como principal responsabilidade, ao contrário da obra de ficção, trazer obras não-ficcionais. Como o documentário é criado a partir de histórias existentes, respeitar os limites do que é falado e do que é transmitido é muito importante e essencial ao processo. É preciso ter sensibilidade e estar atenta(o) aos sinais que a própria narrativa, ao surgir, apresenta.

O diretor sempre se defronta com a ideia de criar o filme a partir de uma série de imagens plasticamente expressivas. A arte do diretor consiste na habilidade de encontrar tais imagens plásticas; na faculdade de criar a partir de planos separados pela montagem, 'frases' claras e expressivas, unindo estas frases para formar períodos que afetam vivamente e, a partir deles, construir um filme. (PUDOVKIN, 1990, p. 71)

Michael Renov (2014) ao indicar a importância dos filmes de não-ficção, resalta eles serem úteis e aplicáveis a vida cotidiana, além de seu caráter pedagógico. E ter escolhido como linguagem o audiovisual, através da linha do documentário, é de fácil justificativa, pois não há necessidade de criação de uma ficção, não há recriação ou simulação, são indivíduos transbordando memórias e eternizando suas histórias.

O pensamento analítico que assume a possibilidade de uma definição do campo documentário, trabalha basicamente como dois conceitos centrais: o de "proposição assertiva" e o de "indexação". O primeiro designa o campo documentário como aquele onde discurso fílmico é carregado de enunciados que possuem a característica de serem asserções, ou afirmações, sobre a realidade. No documentário realizaríamos asserções sobre aspectos diversos do mundo que nos cerca. Uma asserção é um enunciado que traz um saber, na forma de uma afirmação, sobre o universo que designa. (RAMOS, 2008, p. 5)

E é nesse sentido, de eternizar as memórias, que o último, mas não menos importante eixo é traçado. A memória como fonte de vida, como modo de transmissão de saberes, como acontece com os saberes ancestrais, passados de forma oral, como os dos povos tradicionais indígenas e africanos, como coloca Krenak:

Os seres humanos, independente da sua 'tribo', da sua cultura, compartilham uma memória. Imagine um grande rio, onde águas de vários lugares – a água da chuva, a água dos igarapés, a água das nascentes, de nós mesmos, dos lagos – vai se integrando, vai rolando, vai fazendo um fluxo. Esse rio de memória é tão poderoso, que permite que a gente se entenda neste instante. (KRENAK, 2020)

A memória no mundo contemporâneo, mundo esse cheio de máquinas e celulares que tudo sabem, é quase uma prova diária da importância de reconhecer aquilo que se mantinha e que resistia ao passar dos anos. Fernando Frochtengarten, ao falar de memória oral no mundo contemporâneo, elabora:

O sentimento de pertença a um grupo não pressupõe a presença atual de seus membros. Suas influências podem permanecer vivas, orientando o olhar do memorialista sobre o passado. Ainda assim, o apoio coletivo à memória é mais vigoroso quando envolve a presença sensível de antigos companheiros e suas marcas no entorno. A materialidade como que incrementa a presença do grupo em pensamento. A convivência entre antigos companheiros nutre a comunicação entre visões de mundo que se limitam, se conformam e se interpenetram. O passado permanece então em contínua reconstrução pela memória coletiva. (Frochtengarten, 2005)

A memória mantém as manifestações, religiões, ritos populares, festividades e muitos outros movimentos vivos. Se o filme *Raízes do Pé* também existe, é por conta das memórias e por conta da linguagem do maracatu ter sido propagada graças às memórias dos participantes das primeiras nações existentes no Brasil.

10. Concepção metodológica do produto

A partir da minha experiência dentro do mercado da produção cultural, tendo passado pelo audiovisual e fotografia, além da construção do curta-metragem documental *Que Fuzuê é esse?*, como produto da finalização do Bacharelado em Produção Cultural no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ-Nilópolis), a concepção metodológica do curta-documental *Raízes do Pé* foi baseada nos escritos e feitos do cineasta baiano Glauber Rocha:

Um fenômeno dos povos colonizados e não uma entidade privilegiada do Brasil: onde houver um cineasta disposto a filmar a verdade, aí haverá um germe vivo do Cinema Novo. Onde houver um cineasta disposto a enfrentar o comercialismo, a exploração, a pornografia, o tecnicismo, aí haverá um germe do Cinema Novo. Onde houver um cineasta, de qualquer idade ou de qualquer procedência, pronto a pôr seu cinema e sua profissão a serviço das causas importantes de seu tempo, aí haverá um germe do Cinema Novo. A definição é esta e por esta definição o Cinema Novo se marginaliza da indústria porque o compromisso do Cinema Industrial é com a mentira e com a exploração. (ROCHA, Glauber, 1965)

Além disso, a sua famosa frase “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, traz a utilização dos meios de produção artística a serviço da transformação social, do mesmo modo bem como a produção do *Raízes do Pé*, que traz na montagem o respeito pelas memórias e reverberação desse movimento na vida desses sujeitos, bem como a consideração com o improviso, com o que surge ao ter uma câmera na mão e uma ideia na cabeça. Deste modo, encaro com a responsabilidade de deixar fluir e estar atenta às provocações que podem contribuir com uma troca dinâmica que trará qualidade e espontaneidade às cenas.

A fase de concepção e execução foram construídas em etapas, sendo elas: a elaboração do roteiro, a definição do cronograma, produção e os 2 (dois) dias de filmagem e a finalização.

Para a elaboração do roteiro, no momento do desenvolvimento das ideias, conversei com Flávio Santos e Virgílio dos Santos, em 2016, devido à proximidade da comemoração dos 10 anos do grupo, que reuniu todos esses agentes. Eles foram os primeiros professores de percussão do grupo, participaram do projeto, da chegada das pessoas e do que aconteceu com cada uma delas bem de perto. Definimos a data do primeiro encontro e trocamos sobre o que seria interessante registrar e abordar, porém, foram apenas levantamentos de ideias. A partir delas, elaborei um roteiro baseado nas conversas sobre essas vivências e nas cenas gerais a serem capturadas. Não pretendi elaborar um roteiro completamente fechado e estático, mas sim, que pudesse acompanhar os movimentos que aconteciam, as perguntas de respostas que não foram feitas, e as nuances, para que, com leveza, chegasse, após toda decupagem do material, a um roteiro de edição que contemplasse toda a trajetória desse processo que durou cinco anos.

A partir disso, aconteceram os dois encontros e por fim, a construção e finalização da edição do documentário. A escolha pela estética do filme, teve como inspiração o longa documentário “Axé - Canto do povo de um lugar”, de 2016, que tem 1h47min de duração e está disponível da Netflix e trata sobre o axé, ritmo musical que carrega em sua essência boa parte de todo o sincretismo musical e cultura baiano. Nele são colocadas entrevistas e também imagens de arquivo, como no *Raízes do Pé*, onde as entrevistas são ligadas com imagens mais artísticas, do batuque, close de saia girando, de baquetas e etc, além do recurso da voz over, narração em over ou “voz de Deus”, que é quando não vemos quem está falando,

fazendo com que o telespectador não se canse com uma sequência muito grande de entrevistas.

11. Legislação

A Política Nacional de Cinema foi estabelecida pela Medida Provisória 2.228-1/ 2001, que criou o Conselho Superior do Cinema e a Agência Nacional do Cinema (Ancine), autarquia responsável por fomentar, regular e fiscalizar a indústria cinematográfica e videofonográfica brasileira. A Ancine regulamenta a aplicação dos recursos previstos na Lei 8.685/1993 (Lei do Audiovisual).

O projeto *Raízes do Pé* observou as normas vigentes e ao fim da produção obteve a o Certificado de Produto Brasileiro (CPB), emitido pela Ancine.

11.1 Direito de imagem e voz

Para a comprovação de participação, foram realizados convites por meio dos aplicativos de mensagens *WhatsApp* e da funcionalidade de marcação de evento na rede social *Facebook*, para que os interessados pudessem confirmar e, conseqüentemente, autorizar a gravação de sua voz e imagem, bem como o registro das imagens do grupo tocando, nos dois dias de gravação.

Em respeito à Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, as pessoas envolvidas que não manifestaram interesse em participar não foram inseridas no corte do filme, inclusive nas imagens de arquivo.

11.2 Direito autoral

Por se tratar de uma obra de pesquisa, sem fins lucrativos e realizada com recursos próprios, as músicas utilizadas são toadas de maracatu, de domínio público. Todas as músicas, inclusive a toada final dos créditos, está disponível no site Maracuteca, no endereço <https://maracuteca.com.br/dominio_publico/>.

11.3 Classificação indicativa

A classificação indicativa (Classind) informa para quais faixas etárias as obras audiovisuais não são recomendadas, baseando-se no nível de maturidade. A classificação considera ainda a quantidade, relevância e contextualização de cenas de conteúdos impróprios, como drogas e violência. Assim, o conteúdo do curta-documental *Raízes do Pé* recebeu a classificação indicativa Livre.

12. Etapas de Produção

12.1 Pré-produção

Para a idealização do produto, foram realizadas algumas conversas com os parceiros Flávio Santos e Virgílio dos Santos, todas de forma *online*. Durante esses contatos formou-se o consenso de produzir um registro da memória dos ex-integrantes do Pé da Amendoeira. As primeiras conversas começaram em 2016, na expectativa da comemoração dos 10 anos de existência do grupo, em 2017.

A partir das conversas iniciais, foi criado no Facebook o grupo Brincantes de Maracatu - Marechal Hermes”, no dia 26 de maio de 2016. No mesmo dia, dentro do grupo, foi publicada a enquete “Qual o melhor dia para a primeira reunião de preparação para o Cortejo do Pé da Amendoeira - 10 anos?”, com duas opções: sábado, 18 de junho de 2016, e domingo, 19 de junho de 2016. A opção pelo domingo obteve 10 votos e foi a vencedora.

Em seguida, no dia 30 de maio, foi publicada a enquete “Qual o melhor HORÁRIO para a primeira reunião (que será na casa da Talita, dia 18 de Junho)?”, com as opções 10h, 14h, 16h ou 18h. Venceu a opção de 14h, com nove votos.

Após a primeira experiência positiva, foi criado um evento no Facebook, no dia 24 de agosto de 2018, chamado “Encontro de Brincantes de Maracatu em Marechal Hermes”, cujo texto de abertura foi criado por Breno Coelho e enviado por e-mail, no dia 17 de agosto de 2018, disponível no Anexo 1.

Também por e-mail, Breno perguntou no dia 20 de agosto de 2018: “gente querida, vamos tentar achar uma linda imagem para representar essa batucada dia 16 lá em MH?”. Ficou decidido então que o segundo dia de encontro, batuque, entrevistas, cortejo e consequentemente, gravações seria em 16 de setembro de

2021. O evento recebeu 685 participantes, sendo que previamente havia 91 confirmados e 265 interessados, totalizando 356 respostas. Outros 329 não acessaram a página ou não se manifestaram.

Este histórico demonstra que o evento foi algo criado a muitas mãos. Flávio dos Santos e Virgílio dos Santos colaboraram muito nos dois dias de filmagem, na produção, no transporte dos instrumentos, nos convites aos ex-integrantes, no empréstimo de equipamentos e na dinâmica em si dos encontros. Mas todos os envolvidos contribuíram para a catarse que foi reviver o Maracatu em Marechal.

A partir da concepção e dos dois dias de filmagem, em razão de o projeto ser realizado com recursos próprios e parcerias, trabalhei na produção do documentário e roteiro, sozinha, e na edição com o editor Leo Diniz, parceiro de caminhada, cujo trabalho foi valioso durante a reta final.

12.2 Produção

Toda a logística dos dois dias de gravação se processou de forma muito tranquila, organizada por meio de contatos por redes sociais e mensagens pelo *WhatsApp*. Tudo fluiu de forma colaborativa. Para o primeiro dia de gravação, Virgílio, com a ajuda da sua rede de contatos, chegou aos cinegrafistas Vitória e Marcelo. Para o segundo dia, convidei o cinegrafista Leo Diniz. A escolha do dia dos encontros aconteceu a partir do detalhamento debatido na pré-produção, relatada acima.

A gravação do primeiro dia aconteceu numa casa com quintal, cozinha e banheiro (Figura 1), onde passamos a tarde inteira. No segundo dia, a gravação aconteceu em locais distintos: uma parte numa casa com varanda, cozinha e banheiro (Figura 2), onde aconteceram as entrevistas; outra parte, numa praça próxima à sede da associação de moradores, onde aconteciam os encontros do grupo; e por fim, o batuque em outra praça, do outro lado dos trilhos da SuperVia.

Figura 1 - Locação do primeiro dia de gravação



Fonte: Foto da autora

Figura 2 - Locação do segundo dia de gravação



Fonte: Foto da autora

Nos dois dias de gravação utilizamos essa estrutura. Os batuqueiros que tinham instrumentos levaram-nos. A própria equipe levou os equipamentos. Assim, fomos da pré à pós-produção de forma muito organizada e tranquila.

Para o lançamento do filme, solicitamos a utilização do teatro da Biblioteca Parque Estadual, por meio de uma pessoa da equipe do Núcleo de Eventos da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa. Após o contato, foi agendada a data de lançamento, e passou-se aos trâmites para a exibição.

A estreia aconteceu no dia 24 de novembro de 2021, às 13h. O horário foi escolhido com o objetivo de alcançar mais pessoas que estivessem em sua hora de almoço. O cronograma consistiu na abertura do teatro às 13h, com espaço de convivência para um café, salgadinhos e música ambiente. Às 13h30 falei sobre o documentário, agradecendo (Figura 3) e convidando Flávio Santos também para uma fala (Figura 4). Em seguida, às 13h40, houve a exibição do filme, finalizando o evento às 14h. A estreia contou com um público vibrante e entusiasmado (Figura 5).

Figura 3 - Apresentação da direção



Fonte: Foto da autora

Figura 4 - Flávio Santos, idealizador do documentário



Fonte: Foto da autora

Figura 5 - Público da estreia

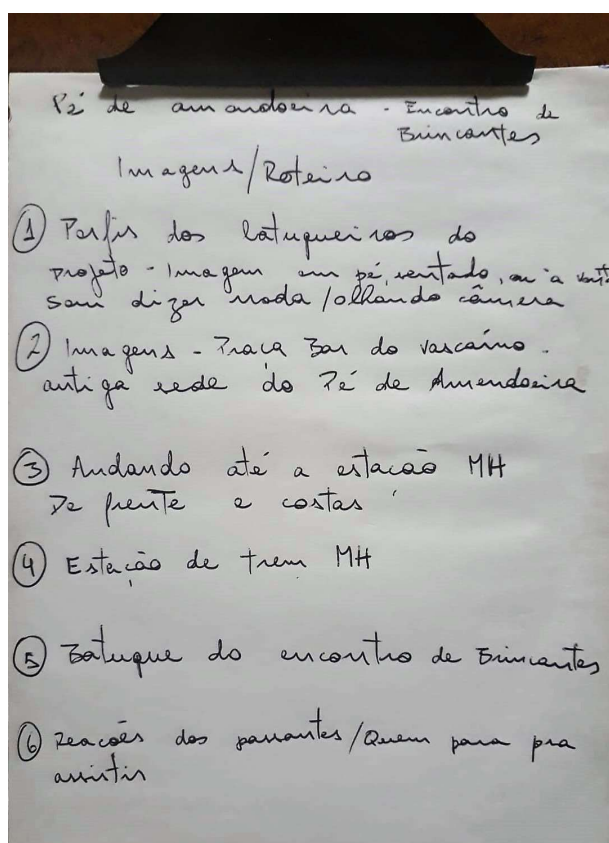


Fonte: Foto da autora

12.3 Elaboração do Roteiro

Inicialmente, construí uma linha de raciocínio baseada nos dois encontros que teríamos com os ex-integrantes envolvidos, entendendo que quanto mais livre e a vontade uma pessoa que não tem afinidade com uma câmera, estiver, mais rica será sua contribuição e o resultado será mais satisfatório no vídeo, isso se aplica para as filmagens livres, bem como para as entrevistas. Para isso, instruí os cinegrafistas e conversei com os presentes sobre esse primeiro roteiro criado, que chamei de pré-roteiro, no qual o norte principal eram as questões a serem abordadas nas entrevistas somadas as imagens do encontro, dos batuqueiros, dos instrumentos e closes específicos dos participantes, com segue na Figura 6.

Figura 6 - Pré-roteiro e primeiras anotações

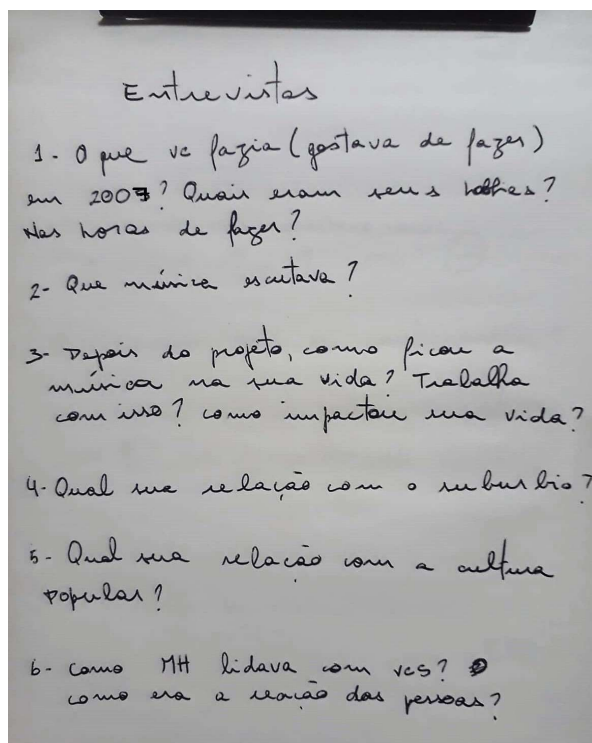


Fonte: Foto da autora

Concomitantemente, criei um primeiro pré-roteiro com as questões a serem abordadas com os ex-integrantes, sempre prezando pela leveza e liberdades dos envolvidos nesse processo. Assim, todos poderiam focar suas respostas a partir

desse modelo, criando uma unidade, apesar de diversa. Foram, ao todo, seis perguntas, e dentre elas estavam: “Qual sua relação com o subúrbio?”, como segue na Figura 7.

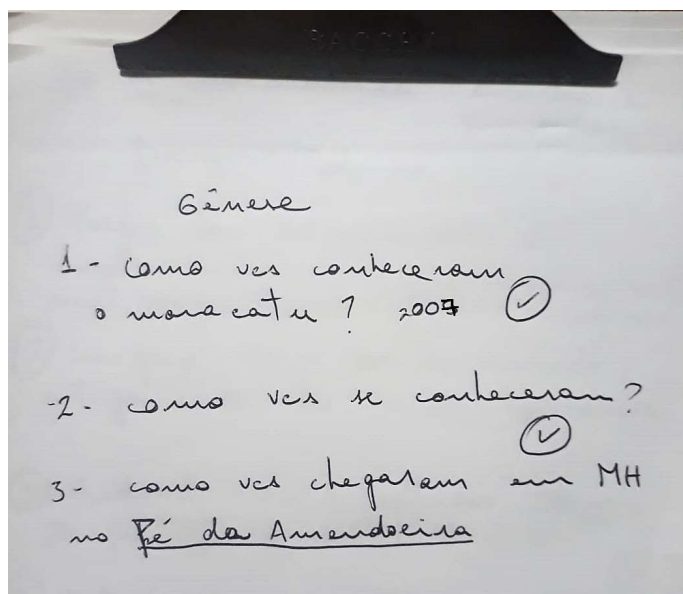
Figura 7 - Pré-roteiro com as questões a serem levantadas



Fonte: Foto da autora

Depois, criei um segundo pré-roteiro com as questões de forma mais facilitada, como segue na Figura 8.

Figura 8 - Segundo pré-roteiro com as questões



Fonte: Foto da autora

Em seguida, organizei as informações dos vídeos dos dois dias de filmagem em uma planilha, separadas em cinco abas: roteiro, cronograma, 1º dia de gravação, 2º dia de gravação e transcrições, conforme as figuras 9 e 10. As células eram coloridas com o seguinte critério: azul, para o território; vermelho, para as pessoas; e verde, para o grupo.

Figura 9 - Código de cores na planilha

	A	B
36		
37	Localizar Marechal Hermes	
38	Estação, caminhada, instrumentos, som de trem	
39		
40	Imagens das pessoas que fizeram parte	
41	Rostos, nomes, entrevistas	
42		
43	Criação do Pé da Amendoeira	
44	Como funcionava? Batuque	
45		
46		
47		

Fonte: Captura de tela da autora

Figura 10 - Decupagem por cor e abas no rodapé

Gravações_Acompanhamento

Arquivo Editar Ver Inserir Formatar Dados Ferramentas Extensões Ajuda A última edição foi há alguns segundos

75% R\$ % .0 .00 123 Arial 10 B I A

C109 A gente tocando, Gabi virando na alfaia

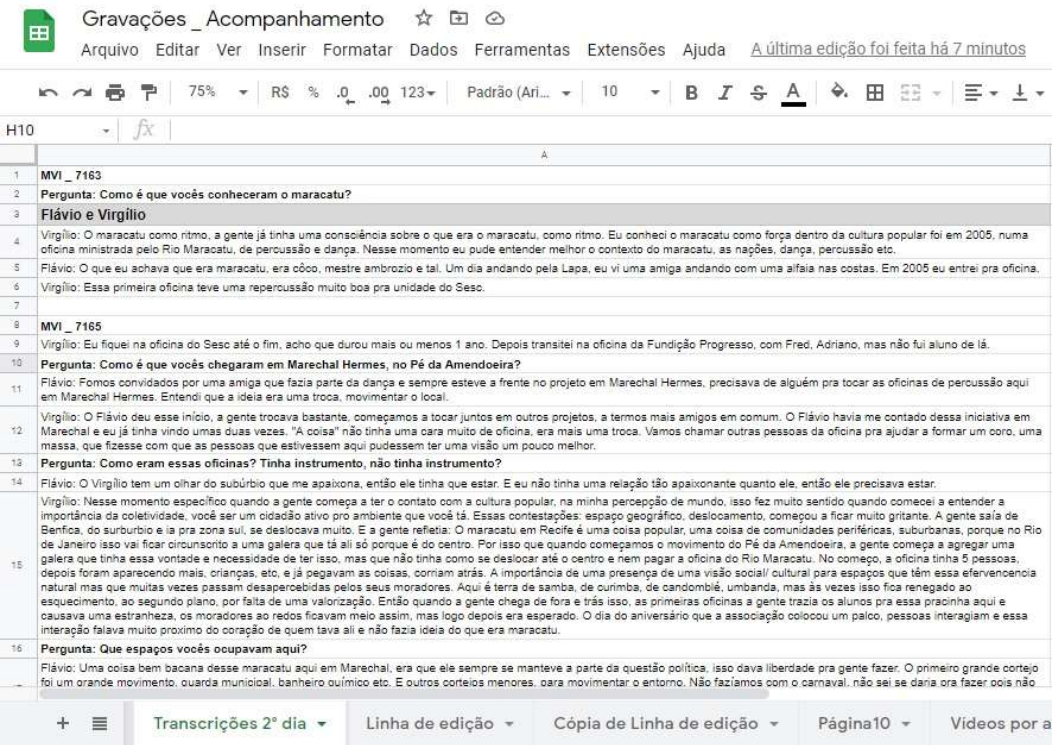
	A	B	C
86			Pasta Vídeos - Camera 2 (arquivos MOV)
87	MVI_0190	00:00:18	Flávio tocando no gonglê, Xande e Paulo
88	MVI_0191	00:00:26	Flávio tocando
89	MVI_0192	00:00:35	Flávio tocando
90	MVI_0193	00:00:38	Flávio chegando e abraçando Edmilson
91	MVI_0194	00:00:40	Ju girando a sala e tocando com a sobrinha
92	MVI_0195	00:00:41	O grupo batendo palmas, Ju girando a sala com a
93	MVI_0196	00:00:51	Flávio tocando agbê, Gabi tocando a alfaia, o grupo se organizando
94	MVI_0197	00:00:45	Edmilson no gonglê, Xande na caixa, Flávio no agbê, os demais tocando, no fundo a Ju com a sobrinha
95	MVI_0198	00:00:58	A gente tocando, sobrinha da Ju aparece, Flávio encostando o toque
96	MVI_0199	00:00:51	Flávio apitando, fazendo a indicação com a mão, Gabi na alfaia, Paula tocando agbê
97	MVI_0194	00:00:38	O grupo tocando, aparece minha mãe
98	MVI_0193	00:00:38	A gente tocando, chega a Bia com os bebês
99	MVI_0196	00:00:51	Bia e Flávio aparecendo
100	MVI_0197	00:00:45	A gente tocando e a Michele chegando
101	MVI_0198	00:00:58	Ian e Helder no sambo
102	MVI_0199	00:00:51	A gente tocando, Igor chegando com a Ju e
103	MVI_0200	00:00:45	Sobrinha da Ju dançando com a Ju e Igor, minha mãe passando e a gente tocando
104	MVI_0201	00:00:20	O grupo tocando, foco na Michele e Flávio
105	MVI_0202	00:00:14	Flávio apitando, aparece rosto do Leo e Michele, todos tocando
106	MVI_0203	00:00:11	O grupo tocando
107	MVI_0204	00:00:16	Flávio e Michele se abraçando
108	MVI_0205	00:00:14	O grupo tocando sendo filmado da brecha do basculante da varanda
109	MVI_0206	00:01:14	A gente tocando, Gabi virando na alfaia
110	MVI_0207	00:00:10	Chão
111	MVI_0208	00:01:42	A gente tocando, Marcelo aparece ao fundo e depois no final aparece a sobrinha da Ju e minha mãe
112	MVI_0209	00:00:06	O grupo tocando sendo filmado da brecha no portão principal da casa

+ Roteiro - Divisões Cronograma 1º dia de gravação 2º dia de gravação Transcrições 1º

Fonte: Captura de tela da autora

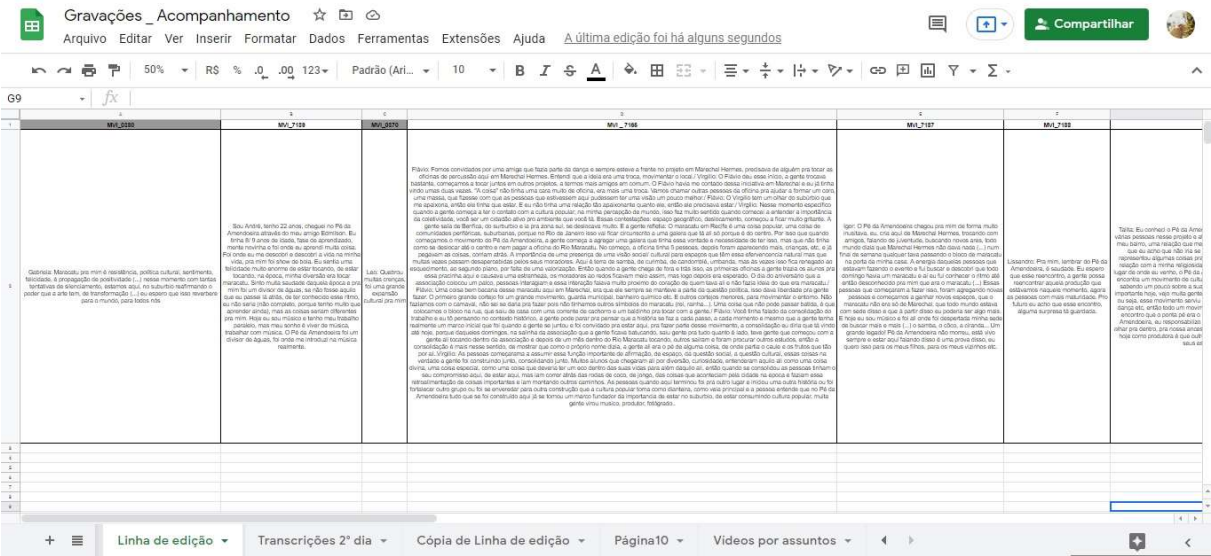
A partir dessa organização, capturamos o total de 01:30:16 de vídeo no primeiro dia de gravação e de 02:01:01, no segundo. Foram no total 03:31:17 de imagens a serem decupadas e de entrevistas a serem transcritas, conforme a figura 11. Assim, iniciei a organização das imagens e falas, com base no roteiro estabelecido, em uma linha de edição, ainda na planilha, conforme a figura 12.

Figura 11 - Transcrições



Fonte: Captura de tela da autora

Figura 12 - Linha de edição



Fonte: Captura de tela da autora

A partir disso, de uma forma orgânica, fui estabelecendo a forma de contar essa história, considerando tudo o que as imagens trouxeram e o privilégio de saber exatamente o refinamento que gostaria de ter na edição. O resultado foi o roteiro, reproduzido no Anexo 3. O filme foi surgindo de forma muito tranquila. A partir dos

pré-roteiros, pude organizar um roteiro final, que surgiu praticamente junto com a edição. Numa estrutura em que a direção do filme, também responsável pelo roteiro, pode acompanhar o processo e ir criando, como um quadro criado com o pincel.

12.4 Pós-produção

Os dois dias de gravação forma aconteceram com o intervalo de aproximadamente dois anos. Finalizadas as gravações do segundo encontro de 2018 ainda não dispunha do material da 1ª gravação, realizada em 18/06/2016, que foi entregue somente no dia 26/11/2019. Só então foi possível iniciar o processo de edição e finalização. Essa etapa foi feita pelo cinegrafista do segundo dia de gravação, Leo Diniz. Realizamos um encontro presencial, no qual fui apresentada ao programa que seria utilizado, para que as outras trocas, que foram virtuais, fossem de modo que eu entendesse a dinâmica da edição.

Realizamos diversas videochamadas e trocas pelo aplicativo WhatsApp, para que juntos construíssemos a sequência de imagens, articuladas às vozes over, resultando num curta-metragem de 10 minutos de duração.

Após a decupagem, optei por fazer as transcrições, organizar o material e estabelecer uma linha de raciocínio a partir das entrevistas realizadas. Assim, a narrativa se construiu através da memória dos ex-integrantes. A exaltação dessas memórias que, apesar de diversas, possuem muito sentimento, foi a forma que encontrei de dar profundidade ao documentário.

Com o filme finalizado, produzi um teaser, para melhor divulgação e disponibilizei no YouTube, mesmo canal que foi disponibilizado o curta-metragem após sua estreia. Além disso, criei uma capa para o DVD (Figura 13). Apesar de não ser comercializado, algum participante poderia se interessar em ter uma cópia. Criei a lista dos créditos, respeitando todos que estiveram presentes durante o primeiro e segundo dia de gravação e a inseri ao final do documentário, conforme Anexo 2.

Figura 13 - Capa do DVD



Fonte: Foto fichada autora

12.5 Distribuição

O curta-metragem documental *Raízes do Pé* está disponível no YouTube desde a sua estreia e pode ser exibido em aulas, encontros, palestras, seminários e etc.

13. Cronograma de execução

O produto inicialmente não tinha cronograma de execução, pois era do conhecimento de todos que, por não ter recursos e não ter perspectiva de captação, que avançasse para as próximas etapas, a partir da disponibilidade dos envolvidos. Posteriormente, pela possibilidade de avançar nessa execução e pesquisa através do programa de Pós-graduação de Linguagens artísticas, Cultura e Educação, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, campus Nilópolis, o cronograma foi caminhando, considerando o início e finalização das aulas em 2019, o andamento das ações e produção das atividades foi em 2020 e 2021, devido a pandemia da covid-19, conforme cronograma abaixo:

Figura 14 - Cronograma

DATA	ATIVIDADES
abril/ 2016	Convite a equipe
maio/ 2016	Planejamento/ pré-produção
18/06/2016	1º dia de gravação
24/08/2018	Criação do evento no facebook para o 2º dia de gravação
16/09/2018	2º dia de gravação
26/11/2019	Entrega do material do 1º dia de filmagem
janeiro/ 2020	Início das análises do 1º e 2º dia de filmagem
16/10/2021	1º corte do filme
06/11/2021	Corte final do filme finalizado
13/11/2021	Finalização da arte gráfica e teaser
19/11/2021	Lançamento do teaser no Youtube
20/11/2021	Lançamento das artes de divulgação nas redes sociais
24/11/2021	Lançamento do Curta-metragem no Teatro da Biblioteca Parque Estadual
25/11/2021	Lançamento do Curta-metragem no YouTube
13/12/2021	Apresentação do TCC

Fonte: Elaboração da autora

14. Plano de Comunicação

O plano de comunicação é baseado nas mídias digitais e, mesmo tendo sido a produção da obra realizada com recursos próprios, houve a contratação de um profissional para criar as peças gráficas, o que foi essencial para o refinamento mínimo da divulgação. A divulgação foi realizada no grupo do Facebook, criado no ano da gravação das primeiras imagens, em 2016, e divulgado na minha página no YouTube e no Facebook e Instagram dos envolvidos.

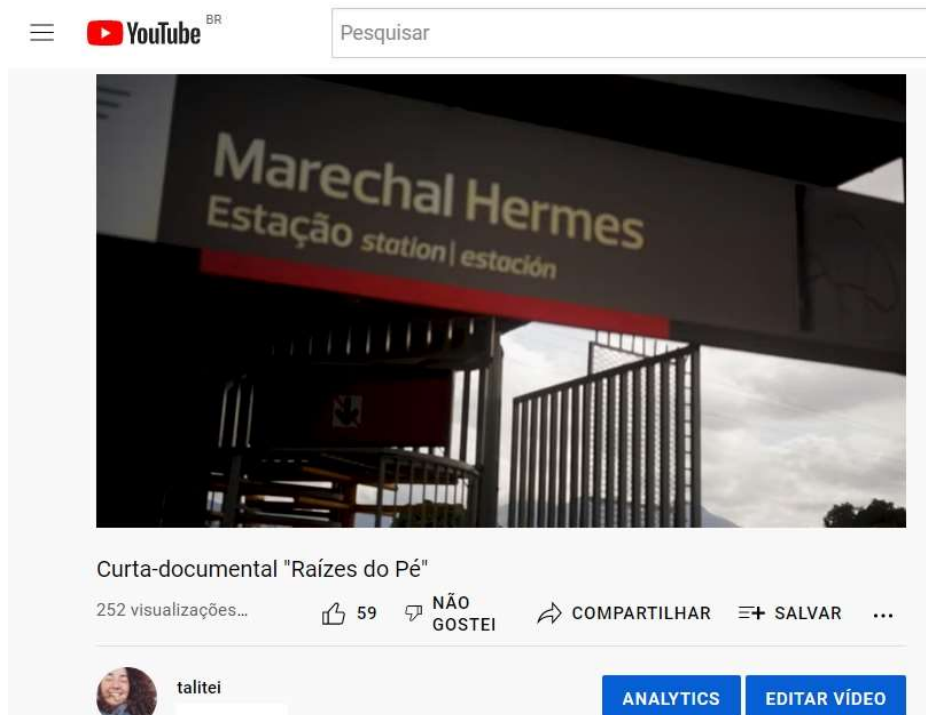
Inicialmente, no canal do Youtube, foi divulgado o teaser (Figura 15) e, após o lançamento presencial, o filme (Figura 16). Foi criada a logomarca do filme como consta no Anexo 4, o layout para das redes sociais, feed do Instagram (Anexo 5), story do Instagram (Anexo 6) e arte para capa do filme no YouTube (Anexo 7). Foi contratado um designer para fazer esse serviço.

Figura 15 - Teaser no Canal do YouTube



Fonte: Captura de tela da autora

Figura 16 - Curta no canal do YouTube



Fonte: Captura de tela da autora

15. Materiais utilizados

15.1 Câmeras

Para o primeiro dia de gravação das cenas produzidas para o documentário foi utilizada uma filmadora DVCAM Sony DSR-PD170. O equipamento foi utilizado na mão livre, não sendo necessário o uso de tripé.

Figura 17 - Filmadora DVCAM Sony DSR-PD170



Fonte: <https://pro.sony/en_CZ/products/handheld-camcorders/dsr-pd170p> Acesso em out. 2021

Para o segundo dia de gravação das cenas produzidas para o documentário foi utilizada uma câmera digital Canon 5D Mark II, uma objetiva (lente) 24-70mm e tripé Benro.

Figura 18 - Câmera digital Canon 5D Mark II



Fonte: <https://www.bhphotovideo.com/c/product/802396461-USE/canon_2764b003_eos_5d_mark_ii.html> Acesso em out. 2021.

Figura 19 - Objetiva 24-70mm Canon



Fonte: https://www.bhphotovideo.com/c/product/802402726-USE/canon_5175b002_ef_24_70mm_f_2_8l_ii.html> Acesso em out. 2021

Figura 20 - Tripé Benro



Fonte: <https://www.lojaoptisom.com.br/tripe-benro-fit19aih0-com-cabeca-ball-head---4kg--it15-/p?idsku=3499>> Acesso em out. 2021

15.2 Equipamentos de som

O microfone utilizado foi um microfone Shure Lapela e Gravador Zoom H4N.

Figura 21 - Microfone Shure Lapela



Fonte: <https://www.bhphotovideo.com/c/product/1459383-REG/zoom_h4n_pro_black_h4n_pro_4_channel_handy.html?ap=y&smp=y> Acesso em out. 2021

Figura 22 - Gravador Zoom H4N



Fonte: <https://www.bhphotovideo.com/c/product/1459383-REG/zoom_h4n_pro_black_h4n_pro_4_channel_handy.html?ap=y&smp=y> Acesso em out. 2021

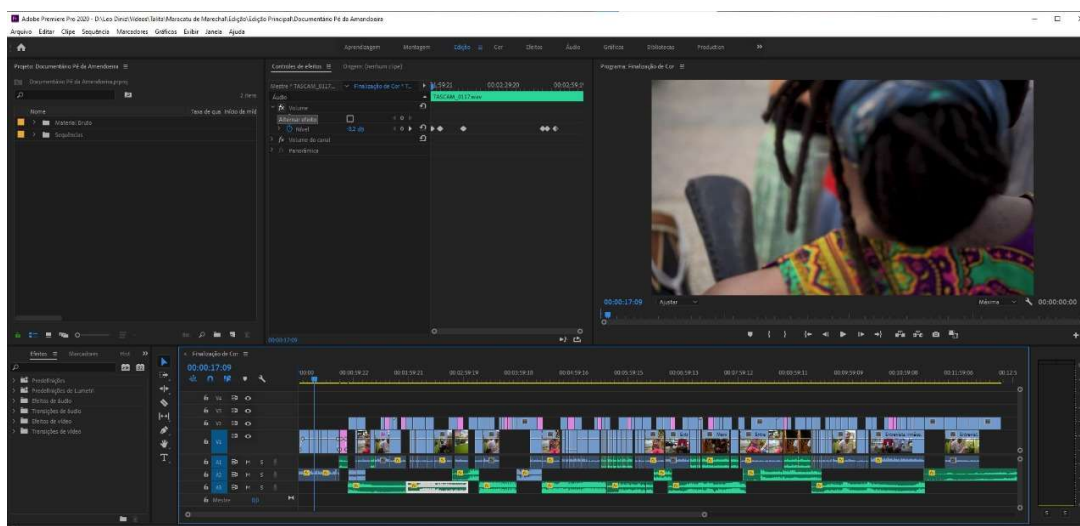
15.3 Software de Edição

Para a edição, foi utilizado um computador Desktop com monitor LG Full HD 25UM58 de 25 polegadas; Especificações AMD Ryzen 3600 Cache 32MB

3.6GHz(4.2GHz Max Turbo) AM4, 16 gb de memória ram DDR4 de 2800MHz, 240GB de armazenamento em SSD, placa de video GTX 1050ti de 4gb alimentados por uma fonte EVGA de 500w.

O software utilizado foi o Adobe Premiere Pro 2020, que é completo para edição de vídeos e possui recursos avançados para os editores.

Figura 23 - Tela do Adobe Premiere Pro 2020 durante a edição do curta *Raízes do Pé*



Fonte: Captura de tela feita por Leo Diniz, editor do documentário

16. Orçamento

Este produto foi realizado com recursos próprios e colaboração voluntária de todas e todos envolvidos no processo. As locações e mão-de-obra foram gratuitas e os equipamentos conseguidos por empréstimo. Para fim de planejamento, temos um orçamento base, do que foi investido para a realização. Cabe ressaltar que é de suma importância os patrocínios aos projetos culturais e mesmo não acessando os recursos dos Editais públicos, tendo em vista minha relação com o poder público, ressalto a importância desses.

O orçamento detalhado segue abaixo:

Figura 24 – Orçamento ideal

DESCRIÇÃO		QTD.	UNIDADE	VALOR UNITÁRIO (R\$)	QTD. DE UNIDADE	TOTAL DA LINHA (Qtd. x Qtd. de unidades x Valor unitário)
1	PRÉ PRODUÇÃO					
1.1	Roteirista	1	Projeto	5.000,00	1	5.000,00
1.2	Pesquisador	1	Projeto	3.000,00	1	3.000,00
1.3	Alimentação equipe	1	Etapa	1.500,00	1	1.500,00
Total de Pré Produção						9.500,00
2	PRODUÇÃO					
2.1	Diretor	1	Projeto	8.000,00	1	8.000,00
2.2	Produtor executivo	1	Projeto	4.000,00	1	4.000,00
2.3	Assistente de Produção	1	Projeto	2.000,00	1	2.000,00
2.4	Alimentação equipe	1	Etapa	1.500,00	1	1.500,00
2.5	Transporte	1	Projeto	3.000,00	1	3.000,00
2.6	Locação de equipamentos	1	Projeto	6.000,00	1	6.000,00
2.7	Cinegrafista	1	Projeto	5.000,00	1	5.000,00
Total Produção						29.500,00
3	PÓS PRODUÇÃO					
3.1	Editor	1	Etapa	7.000,00	1	7.000,00
3.2	Material sensível (HD's externos)	1	Projeto	1.500,00	1	1.500,00
3.3	Alimentação equipe	1	Etapa	1.500,00	1	1.500,00
3.4	Edição de som / efeitos sonoros / mixagem	1	Etapa	4.000,00	1	4.000,00
3.5	Acessibilidade / Libras / legendas Descritivas / Audiodescrição	1	Projeto	4.000,00	1	4.000,00
3.6	Tradução e Legendagem	1	Projeto	1.000,00	1	1.000,00
3.7	Gastos Administrativos	1	Projeto	5.000,00	1	5.000,00
3.9	Taxas e tributos	1	Projeto	1.000,00	1	1.000,00
Total Pós Produção						25.000,00
TOTAL DO PROJETO						64.000,00

Fonte: Elaboração da autora

Figura 25 – Orçamento real

Item	Quantidade	Descrição	Valor total
Pré-produção			
<i>Transporte 1° dia/ Filmagem</i>	1	Uber ida e volta para a câmera	100
<i>Transporte 2° dia/ Filmagem</i>	1	Gasolina ida e volta para a câmera	100
<i>Custos gerais 1° dia/ Filmagem</i>	1	Lanche e água	50
<i>Custos gerais 2° dia/ Filmagem</i>	1	Lanche e água	50
Pós-produção			
<i>Editor</i>	1	Ajuda de custo	200
<i>Design Gráfico</i>	1	Ajuda de custo	200
<i>Material para dvd (capa etc)</i>	20	Gráfica comum	100
<i>Dia da estreia</i>	1	Custos coffee break	150
			Total: 950,00

Fonte: Elaboração da autora

17. Considerações finais

Citando Flávio Santos, em sua entrevista para o documentário “mostrar que como o próprio nome dizia, a gente ali era o pé de alguma coisa, de onde partia o caule e os frutos que tão por aí”. Possibilitar trazer à tona as memórias dos ex-integrantes, é, em certo sentido, eternizar esse movimento e a união dessas pessoas. É fazer com que as pessoas consigam captar, através das imagens, o quanto essa época significou para aquelas pessoas.

Como produtora cultural, considerando minha experiência na área, afirmo que precisamos de políticas públicas mais eficazes direcionadas aos movimentos populares, em especial, as regiões que carecem de equipamentos públicos. É urgente que olhemos para esses mestres, artistas e músicos, como potência, não só no que diz respeito à continuidade das manifestações tradicionais, mas também como forma de servir para uma sociedade que busca a diminuição das desigualdades.

Colocar essas memórias nas telas, sendo produto final da minha pesquisa, como cumprimento das exigências para conclusão do curso de pós-graduação em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação é trazer um elo entre essas áreas, entendendo o Maracatu como um movimento cultural, que também trabalha

linguagens artísticas, com música e dança, num contexto social e, portanto, educacional.

Com isso, utilizei o cinema documentário como ferramenta para fazer com que a minha pesquisa alcance mais e mais pessoas, que o curta as façam refletir sobre a importância do “estar”, sobre o quanto pode ser significativo “ser parte” de algum coletivo, de algum movimento.

Referências

BARBALHO, A. **Textos nômades: Política, Cultura e Mídia**. Fortaleza, p. 19-27, 2008. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/documents/136060/784935/Alexandre+Barbalho/bbec0741-5cad-451d-9310-aabca987c8d7>. Acesso em: 24 abril 2019.

CARVALHO, J. J. As Duas Faces da Tradição. O Clássico e o Popular na Modernidade Latinoamericana. **Dados**, v. 35, n.3, p. 403-434, 1992.

_____. Espetacularização e Canibalização das Culturas Populares na América Latina. In: Ari Pedro. (Org.). **Latinidade da América Latina. Enfoques socioantropológicos**. São Paulo: Editora Hucitec, p. 265-292, 2008.

DIAS, Rosa Maria. Nietzsche: Educador da Humanidade. **Revista Lampejo**, Fortaleza, n. 2, p. 10-16, out. 2012. Disponível em: http://revistalampejo.apoenafilosofia.org/edicoes/edicao-2/artigos/Artigo2_Rosa_10_a_16.pdf. Acesso em: 30 maio 2019.

DOSSIÊ DO MARACATU-NAÇÃO: Inventário Nacional De Referências Culturais – INRC do Maracatu-Nação. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf. Acesso em 22 maio 2019.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; HERSCHMANN, Micael. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. São Paulo: Intercom, 2014.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro 1858/1945**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

FERNANDES, T.; FÉLIX, P. Política Cultural. In: ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de (org.). **Mais definições em trânsito**. Salvador, Cult, 2017. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/POLITICACULTURAL.pdf>. Acesso em: 16 set. 2019.

FROCHTENGARTEN, Fernando. A memória oral no mundo contemporâneo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n.55, p. 367-376, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000300027>. Acesso em: 8 novembro 2021.

GUILLEN, I. C. M. Xangôs e Maracatus: uma relação historicamente construída. **Ciências Humanas em Revista (UFMA)**, São Luís, v. 3, n.2, p. 59-72, 2005.

_____; LIMA, Ivaldo Marciano de França. Os maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960-1990). **Saeculum (UFPB)**, v. 14, p. 183-198, 2006.

KRENAK, Aílton. **Humanos: aqueles que compartilham suas memórias**. 1 vídeo. (1min03). Publicado pelo canal Museu da Pessoa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NPWd3Ghajqs>. Acesso em 08 novembro 2021.

LETIERE, Robson. **Rio Bairros: Uma breve história dos bairros cariocas de A a Z**. Rio de Janeiro, 2015.

NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta. Memória: trabalho de linguagem. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v. 27, n. 52, p. 50-54, 2009.

RAMOS, Fernão Pessoa. O que é documentário?. In: RAMOS, Fernão Pessoa; CATANI, Afrânio (org.), **Estudos de Cinema SOCINE 2000**. Porto Alegre: Editora Sulina, p. 192-207, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf>. Acesso em 8 novembro 2021.

RENOV, Michael. Filmes em primeira pessoa. In: BARRENHA, Natalia Christofolletti; PIEDRAS, Pablo Piedras (org.). **Silêncios Históricos e Pessoais**. Campinas: Editora Medita, p. 31-52, 2014.

RIO DE JANEIRO. Projeto de Lei nº 1126/2018. **Declara patrimônio cultural de natureza imaterial a Batata Frita de Marechal Hermes no município do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, RJ: Câmara de Vereadores, 2018. Disponível em <http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro1720.nsf/b63581b044c6fb760325775900523a41/5f893a2304fd7e01832583680069a826?OpenDocument>. Acesso em 8 novembro 2021.

ROCHA, Glauber. Uma Estética da Fome. **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, ano I, n. 3, p. 165-170, julho 1965. Disponível em <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/leia-a-integra-do-manifesto-uma-estetica-da-fome-de-glauber-rocha/>. Acesso em 8 novembro 2021.

IPHAN. **Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC)**, 2014. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/685/>. Acesso em 8 novembro 2021.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SOUZA, Larissa Lima. O lugar como conceito para a compreensão da simbólica espacialidade do Rio Maracatu. In: Encontro Nacional da ANPEGE, 11., 2015, Presidente Prudente. **Anais [...]**. Dourados: UFGD Editora, 2015. Disponível em <http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/6/188.pdf>, Acesso em 2 dezembro 2019.

Anexos

Anexo A - Texto para o evento no Facebook

Há cerca de dez anos, entre 2006 e 2007, algumas pessoas juram ter escutado "trovoadas" de um "bатуque", feito por um bando de jovens (em sua maioria), em Marechal Hermes. Mesmo que a maioria desses jovens nem soubessem o "peso de fundamento" que carregavam em seus ombros, com seus tambores, eles sabiam que tal brincadeira incomodava o coro dos descontentes. Pensavam essas crianças-adultas: "você vão ter que nos engolir"! Ali, onde reina a babata-frita, soberana, ninguém nunca tinha ouvido falar nesse tal de "maracatu" e foi difícil engolir esses jovens barulhentos.

Em Marechal, muitos olharam de seus portões, como soldados de prontidão, prontos para recriminarem aqueles que batucavam. Todo mundo sabia que aquilo de alguma forma incomodava. Os bate-bolas, com suas bexigas barulhentas, não chegavam aos pés do "Pé" daquela "árvore que faz som", plantada pelos jovens, e que crescia, e ficava forte, com o tempo. "Foram uns 2, pra 3 anos de muito barulho", dizem. Tempo de sobra para suas raízes crescerem e suas sementes serem semeadas nas cabeças de muitos outros jovens. Hermes, rapidamente, ficou na boca do povo. O número de pessoas que se juntavam ao time deu até a impressão de que tinham tudo para se tornarem uma grande "Nação"!....

Porém, como nós, adultos, estamos carecas de saber, não existem histórias sem fim, e, como tudo na vida, essas crianças brincantes de Marechal Hermes haveriam de crescerem e de se tornarem adultas de verdade. As cobranças se tornaram sérias e muitas delas tiveram que pendurar suas camisas. Com o passar do tempo, as folhas daquela árvore foram caindo, caindo... à medida em que as estações passavam, elas não mais "passarinhos".

Sem ter os devidos e merecidos cuidados, a tal "árvore que faz som" sucumbiu ao tempo e, atualmente, muitas pessoas mais velhas relembram os passados de glória, quando aquelas crianças nadavam contra a maré e contrariavam as probabilidades de se fazer um maracatu de baque virado no subúrbio carioca; ali onde, além da batata-frita, o samba, impera todos os dias, até os dias atuais.

Ainda bem que as sementes, hoje, se tornaram novas árvores. Ainda bem que no Rio, não faltam "amendoeiras" espalhadas por todo lugar. Ainda bem que ainda existem pessoas adultas com vontade de voltar a ser criança.

Caso você queira retornar ao passado e fazer parte dessa história, em tempo real, venha brincar conosco, com o prazer de batucar o maracatu de baque virado lá em Marechal Hermes.

Não que as mesmas pessoas - as que faziam barulho para passar e as que faziam barulho para parar - estejam por lá outra vez; mas é que as novas pessoas precisam afirmar que tudo é possível. Precisam semear novas sementes.

E melhor, precisam provar que o sabor fica ainda mais gostoso e aguçado com o tempo.

Anexo B – Créditos

Direção e roteiro

Talita Magar

Idealização

Flávio Santos, Talita Magar e Virgílio dos Santos

Produção das filmagens

Flávio Santos, Talita Magar e Virgílio dos Santos

Direção de fotografia

Leo Diniz e Talita Magar

Edição e finalização

Leo Diniz

Pesquisa

Talita Magar

Cinegrafistas (1º dia)

Vitória e Marcelo

Cinegrafista (2º dia)

Leo Diniz

Equipamento

Daniel Lobo

Design Gráfico

Ian Marlon

Imagens de arquivo

Flávio Santos

Entrevistados

Alexandre Nicomedes

André Luiz Rodrigues

Beto Ferreira

Braulio Coelho

Breno Coelho

Edmilson Mahin

Flávio Santos

Gabriela Mello

Igor Santos

Juliana Borges

Leo Gonzaga

Lissandro

Michele Silva
Paula Maciel
Talita Maga
Virgílio dos Santos

Batuqueirinhas (os)

Luanda
João Gabriel
Heitor
Ian

Batuqueiras (os)

André Luiz Rodrigues
Aparecida Silva
Beto Ferreira
Braulio Coelho
Breno Coelho
Carlos Rodrigo Carvalho
Claudia Almeida
Edmilson Mahin
Felipe Gomes
Filipe Silva
Flávio Santos
Gabriela Mello
Igor Santos
João Vinicius
Itana Gomes
Leo Gonzaga
Lissandro
Marcos Vinicius Varela
Michele Silva
Pablo Carvalho
Paula Maciel
Simone Ferreira
Talita Magar
Virgílio dos Santos
Vitor Rebello

Catirinas

Bia Arruda
Ingrid Pena
Juliana Borges
Marcela Ferreira
Ricele Cristina Barthar
Thaís Iroko

Agradecimentos

André Casati

Anne Esteche
 Céu Souza
 Cláudia Leopoldo
 Damião Magarão
 Dilene Prado
 Diogo Nery
 Fernando Katullo
 Julia Dutra
 Geninha Costa
 Glória Regina
 Naná Carvalhosa
 Paulo Vitor
 Tathiana Santana

Vozes/ Coro

Batuqueiras e batuqueiros

Músicas

“Nunca vou esquecer”
 Loa de Lissandro

“No horizonte eu vi”
 Loa Nação Porto Rico

“Cheguei meu povo”
 Loa Maracatu Estrela Brilhante do Recife

“Evolução”
 Evolução Nação Porto Rico

Produto dedicado a todos os movimentos de cultura popular, em especial, aos Mestres da cultura popular brasileira.

E a todas e todos que sentem o tambor com o coração.

E para melhor acabamento da obra física, foi criada a arte gráfica para a capa do dvd, que será disponibilizada aos envolvidos que desejarem ter o curta-metragem de forma física. E para fim de finalização, o roteiro será registrado, através do Escritório de Direitos Autorais (EDA) da Fundação Biblioteca Nacional, para assegurar o direito autoral dessa criação audiovisual. Além da retirada do Certificado de Produto Brasileiro – CPB, conforme indicado no site da Agencia Nacional do Cinema (Ancine).

Anexo C – Roteiro

“RAÍZES DO PÉ”

Um roteiro
de
Talita Magar

FADE IN:

Trilha: “Nunca vou esquecer, porque foi o primeiro, nunca vou esquecer, porque foi o primeiro, o meu cordão, o meu anel, de batuqueiro (x2), apito e Saravá”

EXT. RUA DE MARECHAL HERMES - DIA

Breno, Braulio, Virgílio, Michele e Talita caminham na rua

EXT. PRAÇA DE MARECHAL HERMES - DIA

Imagem pés e saias dançando.

Imagem Flávio de costas, tocando gonguê.

Imagem Talita tocando agbê.

Flávio apitando e fazendo movimento com a mão.

EXT. ESTAÇÃO DE TREM DE MARECHAL HERMES - DIA

Imagem da placa da estação indicando o nome.

Breno, Braulio, Virgílio, Michele e Talita encontram Carlos Rodrigo Carvalho e Filipe Silva e descem as escadas da estação de trem.

FADE OUT:

Cartela: Raízes do Pé

FADE IN:

INT. CAMARIM UNIRIO NO ANO DE 2008 - DIA

Dançarinas se maquiando, músicos tocando.

FLÁVIO E VIRGÍLIO (V.O)

Flávio: Fomos convidados a tocar as oficinas de percussão aqui em Marechal Hermes. Entendi que a ideia era uma troca, movimentar o local, eu topei.

Trilha: "O mundo é largo, dá pra todos vadiar.."

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Flávio: E foi assim que eu pisei a primeira vez com o maracatu em Marechal.

INT. VARANDA DE CASA COM QUINTAL - NOITE

Léo Gonzaga: Nossa, que sorte a minha, que é isso, Marechal não tinha nada.

INT. VARANDA DE CASA - DIA

Igor: Marechal não dava nada e durante um dia, num final de semana, na esquina da minha rua qualquer tava passando o bloco de maracatu na porta da minha casa.

Imagem da Rua Acapu.

Foto de arquivo, foto de um cortejo na rua da Associação de Moradores.

Imagem do Igor apitando o baque e fazendo gestos.

FLÁVIO E VIRGÍLIO (V.O)

Virgílio: Então nesse momento quando ele chegou, tinham 5, duas semanas depois eu cheguei e tinham 15.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Flávio e Virgílio: O Edmilson vinha com 2, 3 sobrinhos e já pegaram, corriam atrás.

Imagem de arquivo, foto de um batuqueiro mirim.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Imagem das caixas sendo tocadas.

Imagem do André arrumando o talabarte e tocando caixa.

ANDRÉ (V.O)

Cheguei no "Pé da Amendoeira" através de um amigo, o Edmilson, onde eu conheci o maracatu e fiquei maravilhado com o ritmo. Eu tinha 8/ 9 anos de idade, fase de aprendizado, mente novinha e foi onde eu aprendi muita coisa. Foi onde eu descobri e descobri a vida na minha vida, pra mim foi show de bola.

INT. VARANDA DE CASA - DIA

André: A felicidade que eu sentia de estar tocando era muito enorme de estar tocando, de estar tocando, na época, minha

diversão era tocar maracatu. Eu deixava de fazer muita coisa e minha diversão era simplesmente tocar maracatu. Imagem no batuque acontecendo na praça, aparece Lissandro em primeiro plano.

LISSANDRO (V.O)

Assim foi engraçado porque ele era muito dinâmico. No primeiro dia a gente já começou a tocar.

INT. VARANDA DE CASA - DIA

Lissandro: Tem essa questão do contratempo do maracatu que é um pouco difícil de se pegar.

Imagem de arquivo, foto do Flávio apitando o baque num evento.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Imagem batuqueiros tocando, close nas alfaias e baquetas.

LISSANDRO (V.O)

Mas ele conseguiu passar esses ensinamentos pra gente no primeiro dia. Parecia que a gente tocava já há algum tempo com aquele grupo ali.

IGOR (V.O)

A energia daquelas pessoas, do que estava se tratando o evento já contagiou a todos.

EXT. VARANDA DE CASA - DIA

Igor: E eu fui buscar e descobri que todo domingo havia maracatu na associação, esse ritmo até então desconhecido pra mim.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Imagem batuqueiros tocando, conversando, sorrindo, na praça. Imagem de arquivo, foto de uma apresentação na lona de Guadalupe.

Imagem de arquivo, cortejo na rua da Associação.

Imagem batuqueiros tocando, conversando, sorrindo, na praça.

Trilha: Baque de maracatu.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Flávio: Canta "Cheguei meu povo, cheguei pra vadiar, sou eu Pé da Amendoeira, não prometo pra faltar", todos respondem

FLÁVIO E VIRGÍLIO (V.O)

Flávio: O Virgílio tem um olhar sobre o subúrbio,
O Virgílio tem um olhar do subúrbio que me apaixona, então
ele tinha que estar. Virgílio: Nesse momento específico
quando a gente começa a ter o contato com a cultura popular,
na minha percepção de mundo, isso fez muito sentido quando
comecei a entender a importância da coletividade, você ser
um cidadão ativo pro ambiente que você tá.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Imagem batuqueiros tocando.

Imagem de arquivo, foto do Virgílio, Lissandro e Igor.

Imagem do Flávio e Virgílio na praça.

Virgílio: Essas contestações: espaço geográfico,
deslocamento, começou a ficar muito gritante.

Imagem close no agbê.

MICHELE (V.O)

Tinha um maracatu em Marechal, não sei exatamente como
fiquei sabendo disso. Cheguei em Marechal perguntando para
todas as pessoas se eles sabiam onde ficava a tal praça.
Finalmente cheguei no Pé da Amendoeira e foi só alegria.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Imagem Michele tocando Agbê.

Imagem de arquivo, foto de uma oficina com Michele tocando.

Imagem Virgílio, Talita e Michele andando na rua da
Associação.

Imagem de Michele sentada com a estação de trem de Marechal
Hermes ao fundo.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Virgílio: E aí a gente ficava nessa questão, o maracatu em
Recife é uma coisa e comunidades periféricas e suburbanas.

Imagem dos batuqueiros tocando.

Imagem de arquivo, foto do Virgílio apitando o baque.

Imagem dos batuqueiros tocando.

GABRIELA (V.O)

Maracatu pra mim é resistência, política cultural, sentimento, felicidade, é propagação de positividade (...) nesse momento com tantas tentativas de silenciamento, estamos aqui, no subúrbio reafirmando o poder que a arte tem, de transformação (...) eu espero que isso reverbere para o mundo, para todos nós.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Imagem dos batuqueiros tocando.

INT. VARANDA DE CASA COM QUINTAL - NOITE

Imagem Gabriela sentada falando, ao lado de instrumentos como cenário.

Imagem Gabriela e Juliana dançando, Michele e Talita tocando agbê.

Imagem de arquivo, foto Gabriela, Michele e Alexandre num ensaio.

Imagem dos batuqueiros tocando.

FLÁVIO E VIRGÍLIO (V.O)

Virgílio: Por que aqui no Rio de Janeiro isso vai ficar circunscrito a uma galera que tá ali só porque é do centro. E isso começou a funcionar dentro da minha percepção crítica

como a importância de uma presença de uma visão social/cultural para espaços que têm essa efervescência natural mas que muitas vezes passam despercebidos pelos seus moradores.

Aqui é terra de samba, de curimba, de candomblé, umbanda, mas às vezes isso fica renegado ao esquecimento, ao segundo plano.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Imagem dos batuqueiros tocando caixa, close nas caixas.

Imagem das batuqueiras tocando agbê, close no movimento dos agbês.

Imagem de Flávio e Virgílio sentados na praça.

Imagem dos batuqueiros tocando alfaia, close nas alfaias.

Imagem dos gêmeos tocando.

BRENO E BRÁULIO (V.O)

E aí durante o Pé da Amendoeira foi fundamental porque nos levou também ao conhecimento do terreiro, quando a gente começou a buscar o fundamento, tentar entender o que é que nos chamava pro maracatu. Por mais que fosse uma brincadeira, era uma coisa que não tinha compromisso direto

com o terreiro, aquele som já dava pra sentir que tinha uma relação ali, a gente tinha um pezinho ali dentro do terreiro e da ancestralidade. Eu costumo dizer que o início do Maracatumba, grupo que fazemos parte, só foi possível porque descobrimos o maracatu aqui nessa Praça, em Marechal Hermes, por conta desse período, desse fenômeno. A gente se propõe a isso no Maracatumba, voltar pra zona norte. Apesar de termos começado no Bairro de Fátima, nós temos esse compromisso, essa dívida, nosso intuito é atacar novas sementes na zona norte.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Imagem dos batuqueiros tocando.

Imagem de arquivo, fotos de Beto, Edmilson e os gêmeos tocando.

Imagem dos gêmeos sentados no banco da praça com a estação de Marechal Hermes ao fundo.

Imagem dos batuqueiros tocando, com foco nos gêmeos.

Imagem da Bia dançando com as crianças.

BETO (V.O)

O Pé da Amendoeira foi uma aproximação com a música negra, eu só tocava rock (...) a música negra fez eu me aproximar da música brasileira.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Imagem de arquivo, vídeo de apresentação no ano de 2008, com foco no Beto.

Imagem de arquivo, vídeo de apresentação no ano de 2008, com foco nas catirinas.

INT. VARANDA DE CASA COM QUINTAL - NOITE

Juliana: Apesar de não saber tocar, eu ia tentava e não conseguia, aí eu ia pra dança, sentia uma sensação vibracional.

Imagem de arquivo, foto de uma apresentação, onde Juliana aparece vestida a caráter.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Imagem dos batuqueiros tocando, colocando a alfaia pra cima.

INT. VARANDA DE CASA COM QUINTAL - NOITE

Imagem da Juliana dançando, close no rosto e braços.

Imagem do Edmilson com cenário de instrumentos.

Edmilson: Eu acredito muito em energia, que vem a partir de uma sinceridade.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Imagem dos batuqueiros tocando e sorrindo.

Flávio: Você tinha falado da consolidação do trabalho e eu tô pensando no contexto histórico, a gente pode parar pra pensar que a história se faz a cada passo, a cada momento.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Imagem do Igor, com seu filho Ian em frente a alfaia.

FLÁVIO E VIRGÍLIO (V.O)

Flávio: E mesmo que a gente tenha realmente um marco inicial que foi quando a gente se juntou e foi convidado para estar aqui, pra fazer parte desse movimento, a consolidação eu diria que tá vindo até hoje, porque daqueles domingos, na salinha da Associação que a gente ficava batucando, saiu gente pra tudo quanto é lado. Saíram e foram procurar outros estudos, então a consolidação é mais nesse sentido, de mostrar que como o próprio nome dizia, a gente ali era o pé de alguma coisa, de onde partia o caule e os frutos que tão por aí sendo, sendo.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Imagem do Ian olhando pra câmera.

Imagem dos batuqueiros tocando.

Imagem dos pés dançando.

Imagem de arquivo, foto do Leo tocando alfaia numa apresentação, com Flávio e Paula.

LEO (V.O)

Eu decidi ser artista, hoje eu trabalho com arte educação, empoderamento comunitário. Se hoje esse Leo existe é porque eu passei pelo Pé da Amendoeira, encontrei essas pessoas e me conectei com coisas diferentes, foi um mundo novo, abriu totalmente minha cabeça essa vivência.

INT. VARANDA DE CASA COM QUINTAL - NOITE

Imagem de batuqueiros tocando.

Imagem Leo falando com cenografia de instrumentos.

Imagem close Edmilson e Leo.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Imagem dos batuqueiros tocando.

Imagem close do André.

ANDRÉ (V.O)

Se não fosse aquilo que eu passei lá atrás, de ter conhecido esse ritmo, as coisas seriam diferentes pra mim. Hoje eu sou músico e tenho meu trabalho paralelo, mas meu sonho é viver de música, trabalhar com música. O Pé da Amendoeira foi um divisor de águas, foi onde me introduziu na música realmente.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Imagem de close do agbê sendo tocado pelo André.

Imagem do Filipe tocando alfaia.

IGOR (V.O)

E hoje eu sou músico e foi ali onde foi despertada minha sede de buscar mais e mais (...) hoje o samba, o côco, a ciranda... Um grande legado! Pé da Amendoeira não morreu, está vivo sempre e estar aqui falando disso é uma prova disso, eu quero isso para os meus filhos, para os meus vizinhos etc.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Imagem close do Igor tocando.

Imagem do Ian e Heitor tocando agbê.

Imagem dos batuqueiros com as alfaias para cima.

Talita: Então o meu desejo hoje como produtora é que outros movimentos existam, outros grupos existam e ocupem seus espaços e façam as suas histórias.

Imagem da Luanda tocando agbê.

Imagem dos gêmeos batendo palma.

Os gêmeos: Eu costumo dizer que o início do Maracatumba, grupo que fazemos parte, só foi possível porque descobrimos o maracatu aqui nessa Praça, em Marechal Hermes, por conta desse período, desse fenômeno. A gente se propõe a isso no

Maracatumba, voltar pra zona norte. Apesar de termos começado no Bairro de Fátima, nós temos esse compromisso, essa dívida, nosso intuito é atacar novas sementes na zona norte.

Imagem dos gêmeos mostrando a camisa do Pé da Amendoeira.

Imagem de arquivo, foto de batuqueiros, em primeiro plano

Talita tocando alfaia.

Imagem de um batuqueiro do Maracatumba tocando alfaia.

Imagem do Lissandro cantando e os batuqueiros respondendo.

Imagem de arquivo, vídeo de apresentação em 2008.

IGOR (V.O)

Tenho esse projeto como fundamento hoje na minha vida. O Pé da Amendoeira pra mim hoje é vida não morreu, está vivo sempre. E estar relatando isso é mais uma prova de isso se manter. Quero para os meus filhos, para os filhos dos meus amigos e para as pessoas que eu também não conheço, isso é uma forma da gente guardar o que é o Pé.

EXT. PRAÇA EM MARECHAL HERMES - DIA

Imagem do Ian e Heitor brincando com o agbê.

Imagem dos batuqueiros tocando.

Apito final.

FADE OUT.

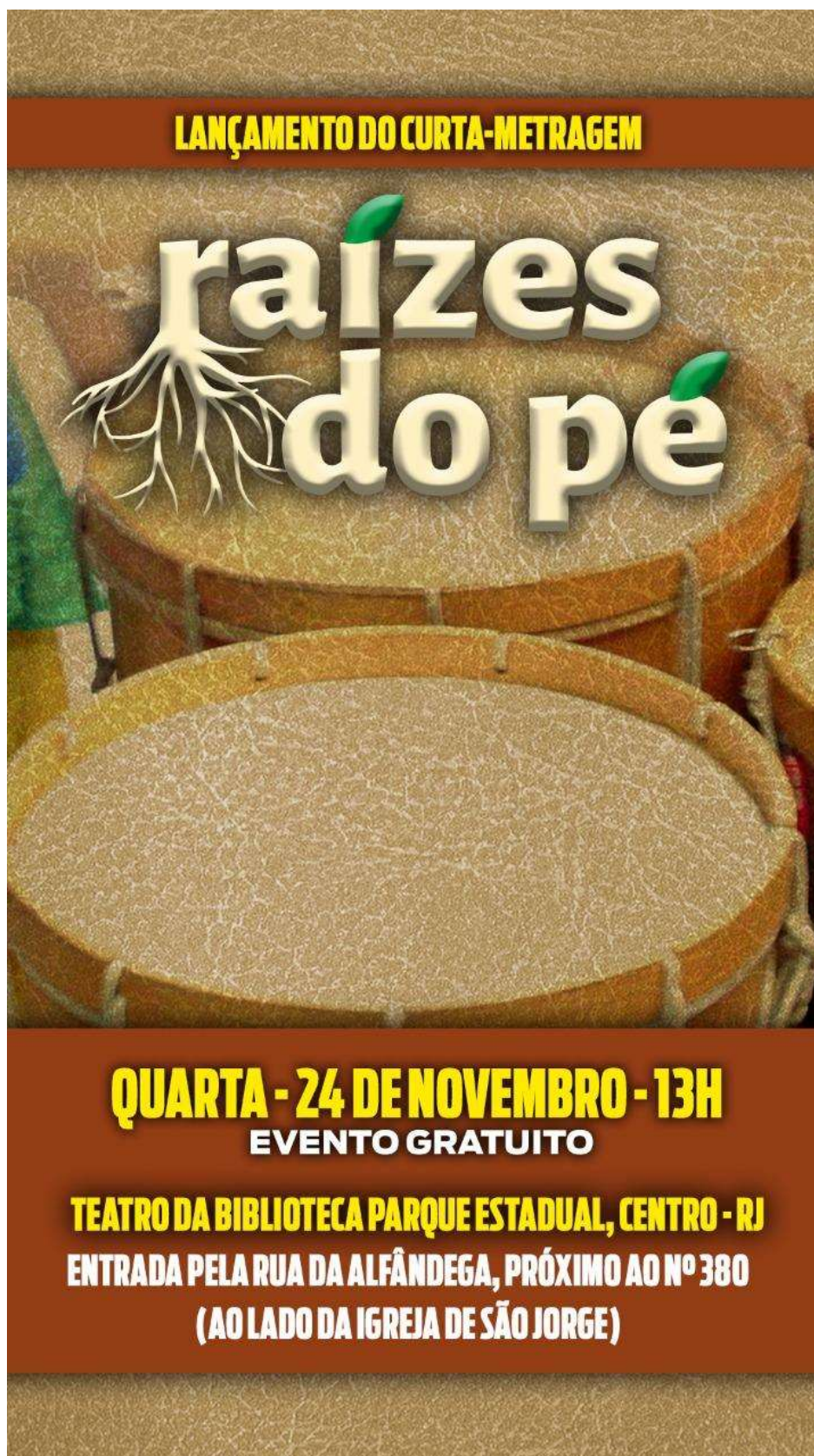
Anexo D – Logo do Documentário



Anexo E – Arte para Feed do Instagram



Anexo E – Arte para Story do Instagram



Anexo F – Arte para capa do filme no YouTube

